



CONTRIBUIÇÃO DE FESTAS ÉTNICAS POPULARES COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar a importância da dinâmica cultural que acontece na cidade de Registro, no interior do estado de São Paulo, através de um dos maiores eventos do município, conhecido como Tooro Nagashi. Famoso como um evento anual cujas origens são tradicionais do Japão, representa uma homenagem aos antepassados e é celebrado em vários locais do mundo em diferenciadas datas e, por vezes, com propostas diferentes, variando conforme o desenvolvimento da cultura japonesa assim com a história da região retratada. A presente proposta metodológica deste trabalho sugere aprofundar conceitos no que diz respeito a construção de conhecimento do turismo nas ciências sociais através de estudos em referências bibliográficas e análise qualitativa dos dados coletados por averiguação em observação participativa. O cerne do trabalho estará em apresentar um foco voltado para a construção histórica de identidade cultural utilizando-se como objeto de pesquisa a ideia de herança do patrimônio imaterial e da produção de espaço através de eventos tradicionais populares.

Palavras-chave

Turismo; Festivais Populares; Herança Étnica; Patrimônio Imaterial; Tooro Nagashi.

Introdução

Conhecida como a capital do chá (PREFEITURA, 2018) a cidade de Registro, localizada no Vale do Ribeira no interior sul de São Paulo, recebeu esse nome pois tinha a responsabilidade de registrar todo ouro da região. Mais tarde com a chegada dos imigrantes japoneses e com a criação do KKKK (Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha) empresa que tinha sede em Tokyo e funcionava em apoio aos imigrantes e ao desenvolvimento industrial e rural a eles que foi implantado na cidade em 1912 e atuou como beneficiadora de arroz e como entreposto cooperativo (CONDEPHAAT, 1987), a empresa funcionou até o ano de 1937 quando encerrou suas atividades e atualmente é sede do memorial da imigração japonesa.

Aos poucos foram sendo incluídos diversos componentes da cultura japonesa na evolução da cidade, uma vez que, em função da número cada vez maior do imigrante na cidade, naturalmente a identidade da cidade desenvolvia com as particularidades culturais brasileiras e nipônicas.

Esse progresso singular trouxe, tempos depois uma presença cada vez mais marcante da cultura japonesa dentro do município e, com ele, incluindo organizações responsáveis pela progressão da cultura na cidade, como por

exemplo o Bunkyo, que é a organização cultural japonesa e teve início pela assinatura do convênio de cidades-irmãs com a cidade de Nakatsukawa em 1980 (Bunkyo, 2018).

Com ela veio não apenas a intensificação da cultura no município, mas também oficialmente algumas das celebrações com o apoio da associação antes chamada de Bunkakyokai, que teve início no ano de 1922 e hoje representada pelo Bunkyo (BUNKYO, 2018), como as festas até hoje celebradas entre as mais famosas a festa do sushi, o Bom Odori e, principalmente, o Toro Nagashi.

É, portanto, visível a importância da cultura nipônica para a sociedade retratada e que convive diariamente com dois costumes muito distintos entre si fazendo parte de seu cotidiano e como suas crenças, festas e práticas são importantes para o desenvolvimento da comunidade local.

Especialmente as festas são consideradas importantes ferramentas para a exibir aquilo que representa a identidade do local, de acordo com URRY (2001):

O direcionamento do olhar do turista implica frequentemente diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para os elementos visuais da paisagem do campo e da cidade, muito maior do que aquela que é encontrada normalmente na vida cotidiana. As pessoas se deixam ficar presas a esse olhar, que então é visualmente objetificado ou capturado através de fotos, cartões-postais, filmes, modelos, etc. eles possibilitam ao olhar ser reproduzido e recapturado incessantemente. (URRY, 2001, p 18)

Com isso a promoção de um dos eventos mais importantes da cidade, como o Tooro Nagashi, não só é responsável pela promoção da cultura local e o reconhecimento de uma identidade já consolidada, mas também um meio que é economicamente significativo para a região.

O objetivo desse trabalho é, então, avaliar o desenvolvimento da cultura local mesclada com a cultura japonesa, assim como identificar as heranças que a tradição da festa Tooro Nagashi agrega para a população e em como ela pode ser aproveitada pelo turismo a fim de melhorar a economia da região.

Metodologia

Como proposta metodológica para a pesquisa em questão, portanto, será uma análise qualitativa dos dados coletados por averiguação em observação participativa e referencial teórico.

A escolha pelo modo de coleta de dados se deu pela precisão com que as informações precisariam ser recolhidas e a maneira com as quais seriam analisadas já que um dos objetivos desses dados é “coletar informação de base que possa ser rastreada no tempo para examinar possíveis mudanças” (RICHARDSON, 2017).

Desmembrando a escolha, de acordo com MINAYO (2010) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, em outras palavras, ela pode ser associada do fenômeno daquilo que se estuda com diferentes variáveis como crenças, valores e atitudes.

CRESWELL (2014) se agrega de definições mais modernas para formar seu conceito de pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano (CRESWELL, 2014).

Por fim é necessário sempre relacionar de maneira apropriada os procedimentos metodológicos com os pressupostos teóricos para a construção de conhecimento que o trabalho exige.

Resultados e Discussões

Os primeiro japoneses chegaram ao Brasil por volta de 1908 e, a primeira viagem oficial foi em 18 de Junho deste mesmo ano no porto de Santos desembarcando aproximadamente 168 famílias, com um total de 781 pessoas (OSAKI, 1990).

Dentre as motivações que levaram os japoneses a deixar seu país de origem, em busca de oportunidade em terras estrangeiras foi a super população e outros problemas agravados pela chegada do exterior ao país, no final da era

Tokugawa e início da era Meiji e, com ele, doenças, guerras e “modernização” (OSAKI, 1990).

Com a imigração, viria o sonho de uma mudança de vida em seu país de origem (Japão), uma vez que a ideia inicial era apenas fazer fortuna no Brasil e retornar para casa em um curto período de tempo, sendo que no início, muitos nem ao menos se importavam em aprender o idioma da nova terra, acreditando que poderiam manter seus costumes intactos (OSAKI, 1990).

Com o tempo foram surgindo templos das religiões praticadas no Japão para o Brasil, assim como ocorreram algumas conversões para religiões nacionais (OSAKI, 1990) podendo já ser percebidas algumas interações culturais. Além disso a religião é considerada um importante fato de motivação para o turismo, conseguindo, então, incluir peregrinações tanto dos rituais praticados em terras brasileiras quanto na inserção das práticas nipônicas.

Conforme THIMOTHY (em livre tradução, 2011) “o turismo de patrimônio engloba uma infinidade de motivos, recursos e experiências e é diferente para cada indivíduo e cada local visitado”. Por esse motivo a prática da peregrinação causou toda uma importância que agregava não apenas na troca cultural, mas toda transformação nos comércios e integração política de cidades que inicialmente não eram relevantes para os grandes centros, mantendo uma circulação valiosa entre diversas regiões (ZENY, 1999).

Os últimos imigrante japoneses chegaram no Brasil durante a segunda Guerra Mundial, onde já havia sofrido altas e baixas durante as décadas anteriores e sofreram com alguns movimentos antinipônicos até os últimos dias da Guerra (OSAKI, 1990). Alguns anos mais tarde, com a crise econômica que estava no Brasil na década de 1980, começou a acontecer uma inversão de imigração e algumas pessoas iniciaram a mudar para o Japão a fim de fugir da crise.

A CERIMÔNIA DO TOORU NAGASHI EM REGISTRO/SP

O evento do Tooro Nagashi (Toro Nagashi, no Japão) acontece no mês de agosto e no dia de finados do calendário japonês na época festiva do Obon, que é uma importante tradição budista japonesa, onde as pessoas acreditavam

que os espíritos de seus ancestrais voltam para casa para se reunir com a família. Tem duração de 3 dias e suas tradições foram difundidas em todo o mundo. Nesta cerimônia são colocados barquinhos (os Toros) com as velas em papel de seda e com inscrição dos nomes de seus antepassados. Em seguida são acesos com velas e soltos em um Rio (PEREZ, 1998).

Um das cerimônias mais famosas do Tooro Nagashi acontece na cidade de Nagasaki, no Japão, em homenagem aos milhares mortos no ataque das bombas nucleares à cidade na Segunda Guerra Mundial e os barquinhos são deixados no rio no dia do ataque em 6 de agosto.

A primeira cerimônia do Toro Nagashi na cidade de Registro aconteceu devidos a alguns acontecimentos na cidade, conforme a história relatada pela associação japonesa Bunkyo:

Há cerca de 60 anos, um viajante japonês passou por esta região. Hospedou-se numa pensão de Seta Barras e certa manhã desceu ao rio para lavar o rosto, caiu e se afogou. A família dele no Japão pediu ao Obosan (Sacerdote) de Nichirenshu (uma das doutrinas do budismo) da mesma terra (província de Fukui) que um dia rezasse no Brasil pela alma do filho falecido. Em 1954 o casal Emei e Myoho Ishimoto, recém casados no Japão, veio para São Paulo quando a noiva tinha apenas 18 anos. O Sr. Emei Ishimoto, obosan de Nichirenshu, procurou o Sr. Bunzo Kasuga, único adepto de Nichirenshu de Registro e realizou o primeiro Tooro Nagashi em 1955. Nesta cerimônia religiosa do primeiro Tooro Nagashi de Registro, foram soltos sete tooros em homenagem a sete vítimas que foram: o viajante japonês, e as vítimas das famílias Hajime Yoshimoto, Tomeji Musha e Teizo Akune e outros (BUNKYO, 2018)

Em seguida os sacerdotes conseguiram a doação de alguns terrenos pela prefeitura para a realização de um monumento às vítimas do afogamento. O monumento foi erguido na rua Miguel Aby-Azar, às margens do rio Ribeira de Iguape.

Atualmente a cerimônia é ecumênica com adeptos de várias religiões e conta com variados rituais e eventos relacionados, como oração às vítimas de afogamento e de acidentes da rodovia Régis Bittencourt, danças tipicamente japonesas durante as festividades e inclusive lutas de sumô.

A festa em Registro ocorre, geralmente, durante dois dias, normalmente nos dias 1 e 2 de novembro, mas varia de acordo com como o feriado está no calendário do ano vigente, podendo durar até quatro dias em casos de feriado prolongado.

A programação possui atividades durante todo o dia como a cerimônia do chá, celebrações religiosas e são preparadas em diferentes pontos da cidade, em parceria com empresas da região. A festa em si começa por volta das 19 com muitas barracas de artigos tradicionais de presente e refeições e os visitantes podem aproveitar também as danças típicas que são tocadas a todo momento, com parentes de imigrantes que fazem as tradicionais coreografias.

Considerações Finais

A importância dos eventos turísticos para a construção de identidade das diversas localidades surge como uma intensificação de sua cultura, sendo mostrado, entre outros exemplos, pelas suas celebrações. Essas festividades são denominadas patrimônio cultural imaterial da localidade.

“Romper com o passado não significa abolir sua memória nem destruir seus monumentos, mas conservar tanto uma quanto outros, num movimento dialético que, de forma simultânea, assume e ultrapassa seu sentido histórico original, integrando-o num novo estrato semântico.” (CHOYA, 2001, p. 113).

Além disso a disseminação do evento que faz com que a cidade receba número variado de turistas, tanto das cidades próximas quanto de outras regiões contribui para que haja uma interação cultural ainda mais evidente agregando ainda mais importância e valor às celebrações, assim como explicado em “bastava que uma divindade de certa família adquirisse grande prestígio, quer pela superstição dos homens ou pela prosperidade demonstrada pela família, para que a tribo desejasse adotar o seu deus e o seu culto.” (ROSENDAHL, 1999, p. 16).

Já para TIMOTHY (2011, p.4, em livre tradução) “alguns observadores argumentam que o turismo de patrimônio é baseado em visitas de pessoas que querem aprender algo novo ou melhorar suas vidas de alguma maneira”.

Todos esses argumentos intensificam a relevância que o incentivo e a valorização da cultura local são as que realmente importam para a chegada dos turistas e que os novos conhecimentos adquiridos de fato podem agregar em suas vidas.

Referências



BRASIL. Decreto nº 50.652 de 30 de março de 2006. Declara o município de Registro "Marco da Colonização Japonesa". Disponível em: <https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/139309/decreto-50652-06?ref=topic_feed>. Acesso em: 28 de Julho de 2018.

BRASIL. Processo nº 22261/82 de 19 de Janeiro de 1987. Estudo de tombamento do prédio da Kaigai Kogio Kabuihiki kaisha, monumento histórico da colônia japonesa de Registro. CONDEPHAAT, 1987.

BRUSADIN, Leandro B. A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentre o processo híbrido de memória e identidade na cultura social. Cultur. Santa Cruz, v. 9, n. 3. p. 64-86. 2015.

CAMARGO, Patricia; KRAVETS, Irina. La importância del turismo cultural em la construcción de la identidade nacional. Cultur. Santa Cruz, v. 2, n. 2. P. 1-16. 2008.

HALL, John W.; JANSEN, Marius B.; KANAI, Madoka; TWITCHETT, Denis. The Cambridge History of Japan. The nineteenth century. Volume 5. London, Cambridge University Press, 1989. 826 p.

STANKOVA, Mariya; VASENSKA, Ivanka. Raising cultural awareness of local traditions through festival tourism. Tourism and Maganement Studies. Bulgaria, v. 11, n. 1. P. 120-128. 2014.

YENİPINAR, Uysal; YILDIZ, Ersan. Festival as Cultural Heritage: The Mesir Festival of Manisa. 1. Ed. Ohridski: ST. Kliment Ohridski University Press Sofia, 2016. P. 233-334.

PEREZ, Louis G. The History of Japan. London: Greenwood Press, 1998. 249 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE REGISTRO. Conheça Registro. História da cidade. Disponível em: <<http://www.registro.sp.gov.br/conheca/index.php?mpid=historia>>. Aceso em: 28 de Julho de 2018.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 288 p.

LEFEBVRE, Henri. La Production de L'espace. 2. ed. Paris: Editions Anthropos, 1981.

OSAKI, André, M. as religiões japonesas no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

URRY, Jhon. O olhar do turista. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001. 233 p.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto L. Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. 200 p.

RUSCHMANN, Doris. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus Editora, 2008. 193 p.

TIMOTHY, Dallen J. Cultural Heritage and Tourism: An Introduction. Bristol: Channel View Publications, 2011. 508 p.